

ODISSEIA

Literária



INSTITUTO
FEDERAL
São Paulo
Câmpus
São Paulo



EDITORA
IFSP

ODISSEIA
Literária

V. 4, n. 1, 2026

EXPEDIENTE – 2026

Diretor Geral IFSP/SPO

Prof. Dr. Wellington Pereira das Virgens

Vice-Diretora IFSP/SPO

Profa. Dra. Lucimara Del Pozzo Basso

Diretor de Pesquisa, Extensão e Pós-Graduação IFSP/SPO

Prof. Dr. José Otávio Baldinato

Equipe Editorial

Editora Gerente

Profa. Dra. Kelly Mendes Lima

Docente do IFSP e pesquisadora do GPLEC – Grupo de Pesquisa em Literatura e Estudos Culturais

Editores de Seção

Profa. Dra. Carla Cristina Fernandes Souto e Prof. Dr. Rodrigo Silva Trindade

Docentes do IFSP e pesquisadores do GPLEC – Grupo de Pesquisa em Literatura e Estudos Culturais

APRESENTAÇÃO

A presente *Odisseia Literária* reúne poemas e textos em prosa que dialogam com distintas tradições literárias e exploram uma diversidade de temas, formas e perspectivas. Entre releituras de autores clássicos, aproximações com a poesia moderna e reflexões sobre questões íntimas e sociais, as leitoras e os leitores encontrarão textos que convidam tanto ao estranhamento quanto à identificação.

Na seção de poesia, abre-se o percurso com “Arrependimento”, de Kaique Alves da Silva, releitura de “Eclipse”, de Arquíloco. Em seu texto, o autor transpõe para um universo marcado pela presença de Odisseu, Posêidon e Zeus a reflexão sobre a fragilidade humana diante de acontecimentos que escapam ao controle dos seres humanos. O diálogo com Arquíloco retorna em “A grande arte”, de Eliege Pereira dos Reis Lima, inspirado no poema homônimo do autor grego. Nele, a vingança surge simultaneamente como resposta ao sofrimento, manifestação da condição humana e exercício de elaboração poética. Já Sandra Goya de Carvalho, em “Quem procura acha (Em busca de algo maior)”, vale-se do campo semântico da mineração para construir uma reflexão sobre o peso das lembranças amorosas e o processo de reconstrução de si.

Em seguida, encontram-se poemas que dialogam com a tradição lírica de Emily Dickinson, seja por meio da concisão, seja pela construção fragmentária de imagens e pensamentos. Em “Escolhas”, Eduarda Santos de Araújo Tavares apresenta a consequência inevitável dos atos humanos; já Sylvania Bezerra do Amaral, em seu poema, coloca-nos diante da alienação produzida pelo cansaço e pelo trabalho incessante. Yasmin Aleixo de Castro, por sua vez, contrapõe o desgaste do ofício à integração do indivíduo com a natureza, enquanto Gabriela Cabrera de Almeida, em “Eco”, constrói um sujeito marcado pela sensação de vazio e pela fragmentação de sua percepção do mundo.

Também voltados à interioridade, os poemas seguintes exploram diferentes manifestações do sofrimento e da inquietação existencial. Em “A escuridão da alma”, Solange Aparecida Adão tece um retrato do conflito entre corpo e alma diante da solidão e do vício. Marcela Bernardo dos Santos, em “Imutável – O passado”, remete-nos à fugacidade da experiência humana ao reduzir a existência à condição de lembrança. Já André Cruz faz da perseverança diante do tempo e das dificuldades o eixo de sua construção poética. Anna Victoria de Souza Virgens, por sua vez, depara-se com sentimentos difíceis de nomear, enquanto Thaís Gregório de Lima, em “Vértice”, busca captar os instantes de equilíbrio entre forças opostas, como luz e sombra, ruído e silêncio.

ODISSEIA
Literária

V. 4, n. 1, 2026

As relações afetivas ganham relevo nos poemas que se seguem. Maria Eduarda Barbosa aborda o desejo amoroso por meio de imagens bem-humoradas e inesperadas; Julia Pires de Oliveira reflete sobre a morte e a permanência do sujeito para além dela; Rafael Ostermayer articula dor, religiosidade e desejo de reconhecimento em uma voz lírica marcada pela confissão; e Camila Alves Cardoso apresenta um diálogo interior que problematiza as incertezas da existência. Encerrando esse conjunto de poemas inspirados em Dickinson, Arthur Benevides constrói um texto em que a memória amorosa se mostra mais duradoura que as promessas de transformação oferecidas pela vida ou pela morte.

Na seção de prosa, os textos apresentam perspectivas bastante distintas. Em “Orvalho”, Maria Flávia Lopes do Nascimento coloca-nos diante da trajetória dolorosa de uma personagem marcada pelo abandono, pela exclusão e pela negação sistemática de sua dignidade. Com forte carga emocional, o texto acompanha a gradual deterioração de sua esperança até um desfecho trágico. Por sua vez, “O mito da federal”, de Thiago Silva Nascimento, inspirado na carta de achamento de Pero Vaz de Caminha, mobiliza a ironia para problematizar estereótipos relacionados ao ensino superior público federal. Por meio do relato de um estudante que confronta suas expectativas com a realidade encontrada, o autor expõe os limites de preconceitos alimentados por discursos simplificadores.

Entre diálogos com a Antiguidade clássica, ecos da poesia de Emily Dickinson e releituras críticas de tradições literárias brasileiras, esta edição convida leitoras e leitores a percorrer caminhos variados da imaginação e da linguagem. Que essa jornada proporcione reflexão, descoberta e prazer estético a todas e todos que se dispuserem a empreendê-la.

Boa leitura!

Por Kaique Alves da Silva

Arrependimento todos devem sentir,
Principalmente aqueles com respeito a Odisseu,
Como ele fomos condenados,
Poseidon agiu com fúria sem igual,
Essa que nem o timoneiro mais experiente experienciou.
Recolheu o mar, desesperando os pescadores,
Só para seguidamente devolver uma onda que
Desafiava Zeus em espécie de rivalidade.
Nem aos animais foi concedida piedade
A onda os levou e aos pastos,
Mas não só isso, levou a cidade e
Até árvores.

Apenas aos recolhidos nos montes,
Poseidon agiu com pena

A GRANDE ARTE

Por Eliege Pereira dos Reis Lima

Tenho uma grande arte:

Eu firo duramente
Aqueles que me ferem
Não como ato de vingança,
Ou êxtase de felicidade;

Justiça e vingança
Vivem em sociedade,
Homem, um ser teatral,
Falso, em estado selvagem.

Vingança é arte
Um jogo de saudade
Ninguém ganha ou perde
Xeque mate.

QUEM PROCURA ACHA (EM BUSCA DE ALGO MAIOR)

Por Sandra Goya de Carvalho

Será que você mentiu pra gente?
Quando disse que jamais iria me esquecer?
Talvez você só seja muito bom em esconder,
e eu, muito boa em procurar as migalhas de
brilhantes
que sobraram na caverna que soterra o nosso
amor.
Te vejo em ouro, ferro e diamante e
mesmo que pequenos os minérios, ainda
enxergo
o brilho avassalador do que já fomos.
Cravejei a gente num colar
e guardo a corrente perto do peito,
mas confesso, a pedra é pesada de carregar.
Dói a nuca, e corre o risco de arrebentar.
Talvez, quando a corrente se soltar,
eu finalmente pare de cavar.
E comece a me lapidar.

ESCOLHAS

Por Eduarda Santos de Araújo Tavares

Escolhas - repentinas e cruéis
Que vêm - e assombram
Tempo - não mais terei
Consequência - ela veio
Cobrar!

Por Sylvania Bezerra do Amaral

Com olhos vazios produzo e adoeço,
Vivendo, vivendo e vivendo
Anestesiada pelo cansaço, pergunto-me
Essa sou eu?
Olho-me no espelho e respondo:
Sua alma vagando.

ODISSEIA
Literária

V. 4, n. 1, 2026

Por Yasmin Aleixo de Castro

Oh! Ofício que consome
— O corpo? — Somente isso
Desfeito em areias
— Como corre! — O tempo?
A vida refeita

Os pedaços de nós
Caídos! — Recolhe-os?
— Deixe-os aos ventos
Que nos leve a valia verdadeira
— Seremos um — A Natureza

ECO

Por Gabriela Cabrera de Almeida

Olha esse pássaro
Que perigo!
Fecho os olhos
Quero abrigo

Sinto tudo, sinto nada
Acordo, acende, apaga!
O que eu tenho além do vazio?
Dentro de mim tudo esquenta
Mas ainda sinto frio

Sou um profundo eco
Chão, luz... cadê o teto?
Olho ao redor da escuridão
Grito, choro, repito...
Sou tudo, nada, aquilo.

A ESCURIDÃO DA ALMA

Por Solange Aparecida Adão

Alma doce — leve — pura
Cerrada num Corpo — aberto e inseguro!
Conhece a Dor — da Escuridão
Que carrega consigo — o Corpo imaturo

Durante o dia — um Sono intenso
O Corpo descansa — em seu Leito!
À Noite... vaga — nas ruas — à procura — do seu próprio Eu
Com Substâncias — que destroem o Peito

Alma que luta com seu Próprio Corpo
A Dor da Solitude — da própria Solidão
Uma Luz que ao Fundo brilha —
A Esperança de um Jovem Sonhador!
Que conheceu à Noite — e sua Farta Ilusão!

Por Marcela Bernardo dos Santos

Imutável — O passado.
Tempo acelerado — Presente!
Hoje — Amanhã não existe.

Somos lembrança!

Por André Cruz

Retroceder - Jamais!
Nascer-crescer - sobreviver
Dever de viver - sempre
sem retroceder

Acordar - sem medo
Começar - bem - cedo
cedo - tudo se vai

Por Anna Victoria de Souza Virgens

Sentir? É difícil dizer.
Tristeza? — Saudade?
Talvez algo maior,
um sentimento sem nome.
Ânsia de viver — ou de não saber como.
Aquele momento... mal vivido.

VÉRTICE

Por Thaís Gregório de Lima

Luz e Sombra - Fragmento de Silêncio

Momento de Pausa

O que arde - se apaga

Calmaria no Caos

Ruído - Quietude

Beleza no Instante

ODISSEIA
Literária

V. 4, n. 1, 2026

Por Maria Eduarda Barbosa

Era capaz de dar tudo
pela coragem de saltar
voar pela janela no princípio solar
pra ver você chegar

(O que explica o destino da minha coluna vertebral)

Por Julia Pires de Oliveira

A morte — minha?
Não — viverei!
A casa, minha, é
e será para sempre
o Repouso para
o cérebro — inquietante!

Por Rafael Ostermayer

Ai amores quanta dor.
Sabes que tenho no peito
um enorme de doído desejo:
A grande farsa do mundo expor.

Rogo sempre à clemente,
Piedosa e sempre virgem
Proteção pelo que sei.

Um dia peço a alguém
Que guarde bem o meu segredo
E que não sofra desse medo
De perder consagração.

Por Camila Alves Cardoso

Sinto insegurança - Do quê?
Do futuro, talvez - Por quê?
Por que não? - Silêncio.

Sinto imensamente - Insegurança?
A vida! - Vazia?
Completa e incerta - Insegura.

Por Arthur Benevides

Não há vida para além
Do que se passou por aqui
Nem a morte me acalenta
Do ócio que hei de sentir;

Nenhum dinheiro, casório ou maneira
Mudaria minha forma de ser;
Nada apaga da memória
Os vestígios de você.

ORVALHO

Por Maria Flávia Lopes do Nascimento

Na natureza, há uma beleza nítida que encanta os olhos, mas que esconde o sentir da alma – a dor que retraiu cada milímetro do pequeno corpo humano. Sem uso de metáfora: o arder dos olhos revela a fraqueza e a tristeza que anunciam o sofrimento e o fim da inocência que a infância tende a ter.

Numa manhã de orvalho, a sina de dor iniciara-se, e nem o sorriso forçado disfarçava a certeza do sofrimento. Logo, a saudade corroeria seu coração — agora apenas um órgão cinzento que, biologicamente, ainda funciona. Seus olhos perderam o brilho; assim, a vida ficara sem cor. Nem mesmo a beleza do jardim a encanta, e há apenas trabalho árduo. Seu corpo perdera espaço físico; já não há lugar para descansar ou morar. Logo, ela aprenderá a se camuflar e até mesmo a parecer invisível — as comidas postas à mesa não a alimentam, os sorrisos não lhe são direcionados, tampouco sua presença importa; ela serve apenas para servir. Seus conhecimentos são negados, sua capacidade de pensar é anulada.

Infeliz menina, nem seu genitor lhe deu amor! Mas herdara todos os defeitos e feiura; afinal, se ainda recebe migalhas, é por caridade à mulher que a pariu — mulher sem sorte, mas corajosa. Nenhuma de suas semelhanças físicas se espelha na beleza das meninas bonitas. Sua cabeça é deformada e seus olhos são desalinhados — nunca ela tivera coragem de conferir; o reflexo na água a poupava de tal afirmação, pois já bastava ouvir. O tempo soprava, e criança já não era; talvez pudesse ser feliz se não fosse sua sina, que a acompanhara de tal modo que a pobre infeliz se decepcionara com a vida por completo. Não há mais nenhum gesto de caridade, somente julgamentos e palavras duras, desejando a piora para a moça que sofre.

Na totalidade de algo, há uma brecha para validar vazios e, nesse instante, houve um breve contentamento: menos desprezo; talvez por piedade sanguínea, houve um reconhecimento de sua existência. Mas logo quebrou-se qualquer elo familiar; a desgraça se realiza quando sua alma se prende na dor e na certeza de que não há saída. Seu fim chegou, e isso pode ser sua única recompensa, seu acalento. A natureza finda o galho que já nascera seco, sem vida. Findou-se na estrada, sem um lar.

O MITO DA FEDERAL

Por Thiago Silva Nascimento

São Paulo, 10 de fevereiro de 2025

Querido vovô,

Quem escreve é o seu querido neto, João Pedro.

Minha carta é para relatar a minha experiência em uma instituição de ensino superior de nível federal.

Mas antes de adentrar minha experiência de fato, preciso falar sobre a estrutura e o povo que lá habita. Para chegar ao local, percorri cerca de 10 km com o Chevrolet Corsa de papai, isso vindo de nossa casa, do lado da estação Metrô Tucuruvi. Como o senhor bem sabe, sou vaidoso e gosto de ir bem vestido, usei o óculos escuro preto que o senhor me deu de aniversário. Modéstia à parte, fiquei um pão.

Ao chegar no local, me deparei com uma parede branca imensa, que mal consigo contabilizar a sua extensão, mas consigo falar que fica a menos de dez metros da entrada do Shopping D, aqui na zona norte.

A instituição não possui estacionamento para alunos, um ultraje, mas há vagas para estacionar em frente a entrada, não é tão seguro, porém, é melhor do que nada.

Bem, me preparando para entrar no local, repassei todos os ensinamentos que o senhor havia me passado ao longo dos anos, de como me defender de todos os esquerdistas e comunistas que toparem o meu caminho. Não se preocupe, vovô, seu neto é um homem forte e não sucumbirá aos hereges que não acreditam no grandioso Deus e nas doutrinas do evangelismo.

Logo após adentrar a instituição, me preparei para ser recebido por uma matilha de esquerdistas, mas o que vi foi mais surpreendente, não havia ninguém segurando uma bandeira da União Soviética, ou perguntando se eu queria escutar a palavra de Marx, eram apenas pessoas com roupas comuns e aparência comum, espalhadas por um vasto campo gramado e quadra de basquete.

As aulas então se mostraram ainda mais absurdas, nenhum professor tentou me influenciar a ser comunista, ou iniciar uma revolução, a pessoa simplesmente ministra a sua aula, abre espaço para perguntas e depois vai embora. Tudo igual a uma instituição de ensino comum.

ODISSEIA
literária

V. 4, n. 1, 2026

Com o passar dos dias, me deparei com pessoas abertamente socialistas, que usavam camisetas com o rosto do Che Guevara, ou frases de efeito sobre a revolução do proletariado. As camisetas estavam tão à mostra, mas eles não pareciam ter nenhuma vergonha. Vovô, o senhor teria ficado escandalizado.

Precisei realizar uma atividade com algumas dessas pessoas e, por incrível que pareça, elas não eram tão ruins e limitadas como pensei. Bom, eles não são cidadãos de bem e tementes a Deus como nós, mas não chegam nem perto do que eu imaginava o que eram.

Na realidade, algo que me surpreendeu muito, eles não tentaram me converter, dizendo como Stalin e Lênin são o máximo, na verdade, só convidam outros alunos a participarem de manifestações que impactam os estudantes e a instituição de ensino. Embora eu nunca tenha contado que eu sou uma pessoa de direita, visto que percebi que meus colegas são adeptos do esquerdismo, eles nunca questionaram minha posição política ou me trataram com desrespeito.

Não se preocupe, meu querido avô, não estou sucumbido ao esquerdismo, seu neto foi lapidado e consolidado na fé cristã.

Mas preciso ser sincero, nada aqui é como me contaram, há algumas coisas que são verdade, mas não é igual ao pânico moral que fazem por aí.

Por ora, é tudo que tenho a relatar sobre este mundo, que, devo confessar, estou gostando bastante.

Prometo que continuarei trazendo atualizações sobre esta terra desconhecida, e, onde puder, continuarei dilatando a fé cristã e a coerência política a todos os homens de bem que toparem o meu caminho.

Um abraço do seu querido neto,

João Pedro Biroliro de Campos Neto

ODISSEIA
Literária

V. 4, n. 1, 2026